



Análise Política

Cenários frente à pandemia da Covid-19

8ª Edição – Brasília, 14/5/2020

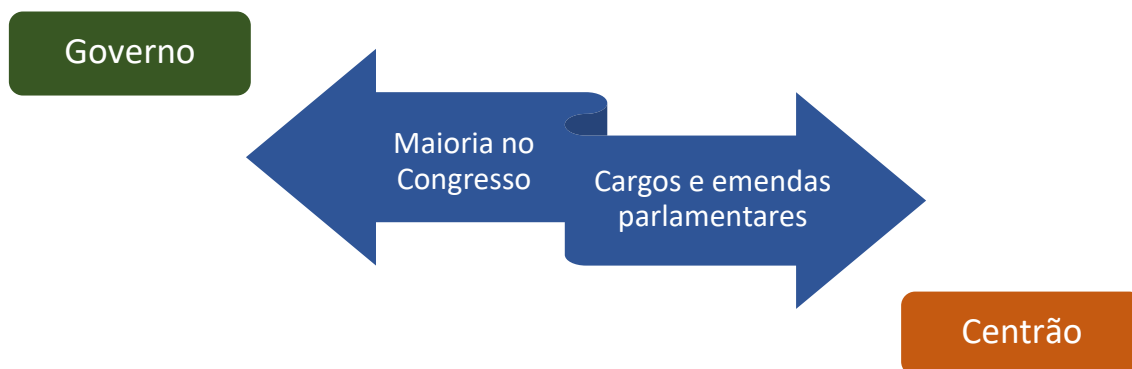
Queda de braço I Perspectivas para a coalizão do governo com o Centrão



Ao chegar ao Palácio da Alvorada, nesta terça-feira (13/5), onde habitualmente conversa com a sua base por alguns minutos, o presidente Bolsonaro ouviu manifestações incisivas de um grupo de apoiadores para resistir ao chamado “toma lá, dá cá” do Congresso. Esse fator tem colocado em rota de colisão dois pilares importantes para o governo: **1)** por um lado, o discurso antissistêmico, fator importante para a eleição do presidente; e **2)** e por outro, o alcance de uma maioria expressiva no Congresso para aprovar políticas e evitar riscos, por meio de uma coalizão com partidos do Centro. Quem são esses partidos e por que eles importam tanto para o governo? Essa articulação é sustentável ao longo do tempo? É o que vamos refletir a seguir.

O que é e como surgiu o Centrão? A origem do termo “Centrão” vem da Assembleia Constituinte, para se referir a um grupo de parlamentares, de diferentes partidos, que, juntos, possuíam uma expressiva força numérica nas votações. Por esse motivo, o bloco parlamentar possui uma **influência muito grande na tomada de decisões**, estando presente nos últimos 30 anos de forma mais ou menos perceptível em todos os governos, independentemente de sua ideologia. Isso se dá por um motivo simples: em um sistema político pulverizado em muito partidos, normalmente, nem o governo e nem a oposição conseguem atingir a maioria de votos no Congresso, e aí as decisões acabam dependendo do posicionamento dos partidos de Centro. Sem eles, fica muito, mas muito mais difícil de se governar.

Relação de poder entre Governo e partidos de Centro



Como essa lógica foi quebrada no início desse governo? A eleição do governo Bolsonaro representa uma quebra de paradigma nas relações entre Executivo e Legislativo. O chamado “presidencialismo de coalizão”, caracterizado pela distribuição de cargos em ministérios e



Análise Política

Cenários frente à pandemia da Covid-19

8ª Edição – Brasília, 14/5/2020

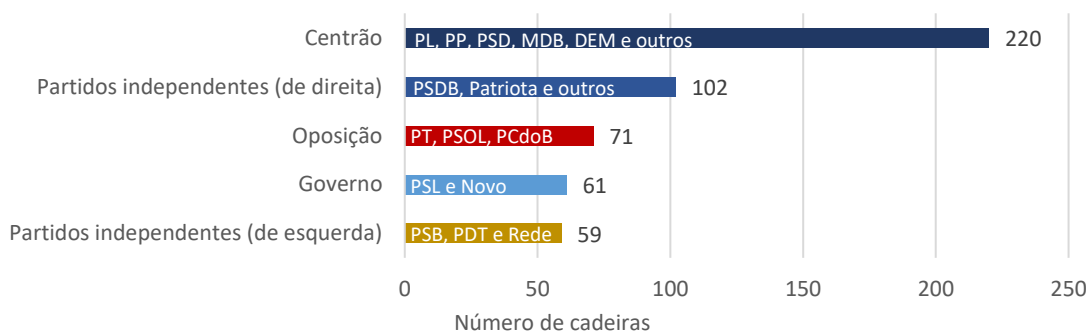
emendas orçamentárias a partidos de Centro, em troca do apoio nas votações legislativas, é desnutrido em seu primeiro ano de governo. E o curioso é que, mesmo com o discurso antagônico às lideranças políticas tradicionais, o governo obteve importantes conquistas legislativas, com a Reforma da Previdência. E isso se deu por três motivos principais: 1) uma base eleitoral forte e consolidada; 2) uma agenda econômica bastante alinhada à dos parlamentares com maioria no Congresso; e 3) um menor controle da pauta legislativa.

	Dilma	Temer	Bolsonaro
Boa relação com o Congresso	Não	Sim	Não
Base eleitoral consolidada	Sim	Não	Sim
Poder de articulação em meio a crises políticas	Não	Sim	Sim
Pauta econômica semelhante ao Congresso	Não	Sim	Sim
Controle da pauta legislativa pelo governo	Médio	Médio	Baixo

O que mudou a partir do início da pandemia? A pandemia alterou substancialmente os eixos do cenário político, até então, bastante favoráveis à governabilidade do presidente Bolsonaro. Seus reflexos na saúde pública e na economia, a crise interna instalada no governo com as saídas abruptas dos ministros Mandetta e Sérgio Moro, as investigações em curso e os mais de 30 pedidos de impeachment apresentados até o momento, pressionam Bolsonaro a rever sua estratégia de articulação com o Poder Legislativo, retomando ao convencional presidencialismo de coalizão. É importante analisar que, neste novo momento, a coalizão não se forma em torno do governo, mas sim [ao redor e a partir do comando da Câmara](#).

Afinal de contas, quem é o Centrão? Essa não é uma resposta simples, nem para os analistas políticos. Atualmente, o Centrão é instituído [formalmente por oito partidos \(Bloco Parlamentar PL, PP, PSD, MDB, DEM, Solidariedade, PTB, Pros, Avante\)](#). Juntos, possuem o total de até 222 votos na Câmara (43,2% das cadeiras). Porém, em um contexto político onde o governo possui pouco controle da pauta legislativa, os partidos de Centro podem ganhar uma conotação ainda maior, como sendo aqueles com uma pauta liberal semelhante a do governo, porém, com apoio condicionado e ocasional. Neste caso, chegariam a até 322 votos (62,7% das cadeiras).

REPRESENTATIVIDADE NA CÂMARA





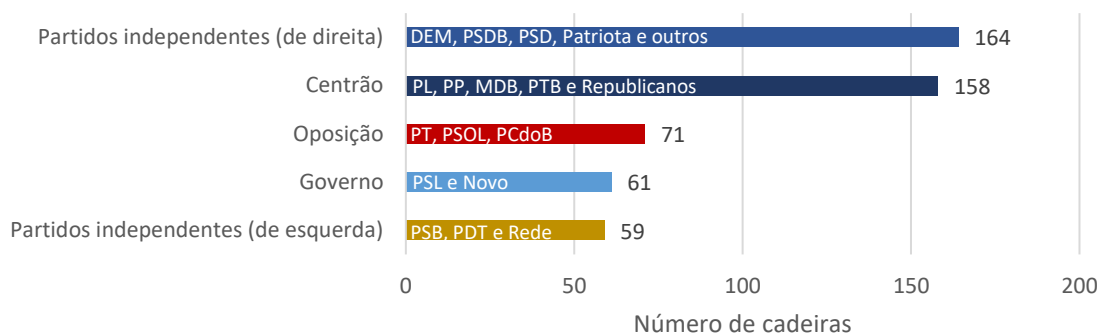
Análise Política

Cenários frente à pandemia da Covid-19

8ª Edição – Brasília, 14/5/2020

Qual é a estratégia política do governo? A intenção do governo está bem clara na tentativa de firmar uma coalizão com o Centrão. A disputa acirrada nos bastidores tem um alvo principal: [a presidência da Câmara dos Deputados](#). Quando Bolsonaro se aproxima do líder do Centrão, deputado Arthur Lira (PP/AL); do 1º vice-presidente da Câmara, deputado Marcos Pereira (Republicanos/SP); e do líder do MDB na Câmara, deputado Baleia Rossi (MDB/SP), o presidente tem o objetivo claro de rachar o bloco parlamentar. Desta forma, além de ampliar sua base de apoio no Congresso, Bolsonaro busca isolar o partido do atual presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM/RJ), e as suas pretensões de fazer como sucessor o deputado Aguinaldo Ribeiro (PP/PB), relator da Reforma Tributária e líder da maioria na Câmara.

ESTRATÉGIA DO GOVERNO - BUSCA POR NOVA COALIZÃO



Perspectivas e riscos da nova coalizão: A ideia do governo ao dividir os partidos do Centrão é redistribuir os eixos de poder na Câmara dos Deputados, ampliando sua influência e ingerência sobre as decisões legislativas, condicionada, agora, a emendas orçamentárias e a cargos em ministérios e outros órgãos da Administração pública. Porém, há alguns fatores que já colocam em dúvida essa nova aliança. Por parte do governo, [a articulação pode ser vista como prejudicial à popularidade do presidente da República](#), que tem defendido publicamente uma aliança programática e sem alterações no 1º escalão do governo. Por parte dos partidos do Centrão, já há uma indisposição aparente com a [blindagem à oferta de cargos pelo governo](#). Outro fator que pode pesar para a sustentabilidade da coalizão diz respeito à popularidade do presidente. Caso os reflexos da pandemia oscilem para baixo o índice de aprovação do governo, é possível que o apoio dos partidos de Centro aumente de custo, tornando-se até inviável.

[Números da semana e link para edições anteriores](#)